

Macuxi resistem a ataque

por Angus Foster
do Financial Times

Uma pilha de tijolos carbonizados e algumas marcas negras de terra queimada são tudo o que resta da reserva indígena dos Macuxi, na distante região de Tamanduá, no Norte do Brasil. De acordo com os índios, policiais chegaram ao local em janeiro, espancaram os indígenas e incendiaram uma casa e algumas cabanas.

Ninguém foi acusado pelo ataque, que faz parte de uma longa campanha de intimidação dos índios Macuxi por parte dos políticos locais.

Mas isso absolutamente não desmoralizou os índios. Eles estão certos de que a área conhecida como Raposa/Serra do Sol, nas divisas com Venezuela e Guiana, está confirmada como sua terra ancestral e protegida pela Constituição.

"Nós queremos apenas nossa terra; queremos que o governo retire os mineradores de ouro e a vida volte a ser o que era antes", diz Jacir de Souza, um dos quatro líderes regionais e o "tuxáua" (líder) da aldeia Maturuca, uma colônia de cerca de cinquenta famílias, acessível apenas através de trilhas de terra batida e valas secas de rios.

Cerca de 12 mil índios Macuxi vivem no Brasil, quase todos em Raposa/Serra do Sol, área onde os comerciantes europeus chegaram no século 18 e os encontraram pela primeira vez. Hoje eles sobrevivem através de uma agricultura em pequena escala e da criação de gado. A maioria fala português, veste camisetas e calças jeans e está de certa forma satisfeita com os médicos e funcionários brasileiros das entidades de ajuda em suas aldeias.

Os Macuxi há muito tempo vêm tendo problemas com os fazendeiros brasileiros que chegam à área e cercam o terreno para pastagem do gado.

"As aldeias tendem a mudar de lugar, uma vez a terra de agricultura fique cansada. Mas as cercas estabelecidas pelos fazendeiros limitam seu movimento", diz Paulo Santilli, antropólogo que trabalhou

com os Macuxi durante dez anos.

Um fazendeiro, Paulo Cesar, chegou à região há três anos e tem 4 mil hectares de terra, onde produz arroz e cria gado. Sua opinião sobre os índios, embora chocante, não é incomum.

"Não havia índios por aqui quando os brancos chegaram e os empregaram em suas terras. Os índios não querem a terra, são muito preguiçosos. Não compreendo por que o governo gasta tanto para cuidar deles, tentando transformá-los em museus ambulantes. Os índios aqui vestem T-shirts, não andam nus", ele diz.

Eles vivem da criação de gado e agricultura de pequena escala

Desde 1988, mais ou menos, as tensões envolvendo a terra aumentaram. A partir dessa época, um grupo de mineradores de ouro não autorizados, chamados "garimpeiros", começou a chegar, depois que a pressão do Ocidente levou à sua expulsão da área vizinha dos índios Yanomami.

O governo do Estado de Roraima se mostra cada vez mais decidido a solapar as reivindicações por terra feitas pelos Macuxi. Ele está de olho nas prováveis reservas minerais e pretende construir uma usina hidrelétrica nessas áreas.

À medida que seus problemas ligados à terra aumentam, os Macuxi confiam na boa organização para revidar. A ajuda para isso começou com os padres católicos que vivem na área e que apóiam firmemente os direitos indígenas.

Jacir de Souza, líder da região serrana, tem o apoio de 42 conselheiros que se encontram regularmente para trocar idéias e avaliar os progressos feitos. O encontro mais recente, no final de março, durou um dia todo. Foi quando os conselheiros discutiram problemas de educação, saú-

de e os meios para chamar a atenção para suas reivindicações.

Na capital do Estado de Roraima, Boa Vista, o Conselho Indígena de Roraima (CIR) supervisiona os interesses dos Macuxi e outros indígenas. A cada dois anos um novo coordenador do CIR é eleito e muda-se para a capital. Como muitos Macuxi, Nelino Galé, no posto desde janeiro, está encontrando dificuldades para adaptar-se à cidade. Ele quer que sua esposa e família venham morar com ele.

Os índios Macuxi temem que sua língua e suas tradições sejam ameaçadas pelo contato com a vida moderna. Há quatro anos eles forçaram o governo estadual a aprovar o ensino bilíngüe para crianças acima de 13 anos.

As funções espiritual e de cura do "pajé" também perderam importância e as técnicas ocidentais substituíram as técnicas tradicionais. Hoje, os velhos métodos e as práticas de cura estão sendo reaprendidos, e o mais jovem dos Macuxis, que deverá ser um próximo "pajé", está quase terminando seu treinamento.

Esse revigoramento das tradicionais práticas Macuxi poderia não ter acontecido sem o conflito de terra, mas o preço está sendo alto. Mais de dez índios foram mortos desde 1988 e muitos outros foram violentamente atacados. Desde janeiro sua área está sendo guardada pelo Exército - enviado para manter a paz na região, mas os Macuxi ainda dizem que os garimpeiros estão roubando seu gado diariamente.

Dinarte Nobre de Madeiro, presidente da agência do governo federal encarregada dos problemas indígenas, diz que está "esperançoso" de que a área de Raposa/Serra do Sol possa ser confirmada como terra dos Macuxi brevemente, mas que "isso é sempre muito difícil".

Para Jacir de Souza, o apelo para que tenham paciência está ficando cada vez mais tênue. "Estamos reivindicando há 25 anos e eles ainda não assinaram", afirma.